

Quedas violentas atingem corretoras

São Paulo — A situação das corretoras em todo o país não é realmente nada boa. Depois de quatro quedas violentas durante o ano passado e agora, em janeiro, junto com a baixa que vem sem parar praticamente desde fim de abril, caiu drasticamente o movimento nos pregões: de uma média diária de Cz\$ 1 bilhão/1 bilhão 500 milhões, em março/abril, para Cz\$ 300 milhões/490 milhões agora, em fevereiro.

Além disso, as taxas de corretagem mantêm-se inalteradas há mais de dois anos, apesar da inflação do período, deprimindo as receitas de corretagem. Para se ter uma idéia, o valor mínimo de corretagem é de Cz\$ 32,00 para uma operação de Cz\$ 36 mil.

Na fase de alta imediatamente após a edição do Plano Cruzado, história um tradicional corretor de São Paulo, a maioria das corretoras, mais sobretudo as instituições cariocas, que viviam basicamente do mercado aberto (*open market*), tiveram de se reciclar, desmontando suas mesas de *open* e adaptando-se às operações mais sofisticadas e complexas com negócios de Bolsa. Também aconteceu, sobretudo no Rio, segundo esse corretor paulista, que uma série de instituições — e mesmo operadores — tratou de montar

susas próprias carteiras de ações, acreditando que essa carteira se valorizaria — o que era a expectativa de todo o mercado na euforia do segundo trimestre do ano passado.

Chegou o fim de abril, e o governo interveio no mercado de ações, determinando que os fundos mútuos de investimento em ações, os quais estavam captando violentamente, teriam de destinar 25% dos recursos novos que entrassem em seus caixas para títulos públicos e não para ações. Veio a primeira grande queda.

Para suportar as dificuldades as corretoras estão enxugando ao máximo seus custos, a fim de compatibilizá-los com a reduzida receita operacional que estão obtendo em corretagem. Carlos Vilar, da Corretora Duarte Rosa e do Conselho da Bolsa do Rio, acha que a crise é muito séria, mais grave que em 1971, quando o mercado era menos complexo e restrito às corretoras e investidores de grande porte.

Hoje, nem mesmo os investidores institucionais (fundos de previdência privada e seguradoras), cuja função seria justamente de amortecer as quedas acentuadas, estão participando significativamente do mercado. "Desde que foram

obrigados a participar do FND, os fundos de pensão estão fora das bolsas", lembra Jacques Srour, diretor da Corretora Nacional.

Gilberto Zalfa — diretor de uma das maiores corretoras do país, a Multiplic, não vê praticamente nenhuma perspectiva para o mercado, enquanto a situação do país estiver indefinida e não sabe que medidas poderiam ser adotadas para beneficiar o mercado acionário, que se ressente da falta de recursos.

Todos concordam que é muito difícil conviver com o atual nível de taxas de juros, que já superam os 20% ao mês. As próprias empresas negociadas em Bolsa saem prejudicadas com essa situação, que não permite novos investimentos produtivos.

Mesmo reconhecendo a seriedade da crise, Carlos Vilar não teme pelo futuro das instituições que operam no mercado de ações. Segundo ele, elas estão capitalizadas o suficiente para suportar a baixa receita proveniente das Bolsas. A reativação dos negócios no *open market* é uma das saídas apontadas por Francisco Souza Dantas — que não acredita numa melhora das bolsas — para recuperar a receita das corretoras.